



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – KUABA
PROFESSOR KLEBER SARAIVA
ALUNOS: ANTONIO SÉRGIO MARQUES DA SILVA
JORGE DA SILVA GOMES
MARIA ELIANE DA SILVA GOMES



CARTILHA: RETOMADA DA ALDEIA CAJUEIRO



PORANGA-CE
2022

Introdução Contextualização

Apresentamos aqui um pouco do quão difícil foi a luta dos indígenas Tabajara e Kalabaça de Poranga em relação a um momento importante e histórico que foi a retomada da Aldeia Cajueiro.

Possibilitar ao leitor um breve resumo sobre a história da retomada na aldeia Cajueiro. Mostrar que a retomada da Aldeia Cajueiro foi uma grande conquista para o povo Tabajara e Kalabaça de Poranga

Esta cartilha está sendo preparada para contar um pouco da história de uma retomada entre tantas outras que acontecem em todo o país pelos povos nativos, motivada pela ausência de cumprimento do dever estatal em demarcar as terras indígenas, seguindo os comandos constitucionais, retomar é autodemarcar, é o meio pelo qual os povos indígenas se utilizam para ocupar o que é seu como direito originário.

O povo indígena de Poranga é nativo do território da aldeia Cajueiro, que sempre foi lugar de memória e de moradia dos nossos antepassados e dos nossos encantados. No início da década de 70, por meio de um projeto pensando no agronegócio e no poder capitalista, nossas famílias foram retiradas do nosso território tradicional, principalmente aquelas famílias que não aceitavam a imposição da empresa, em explorar de forma ilimitada nossa terra, devastando a natureza, derrubando nossas árvores nativas, nossas casas, capelas, lugares sagrados e outras riquezas ancestrais da nossa terra para dar lugar a pastagens para criação de bovinos, principal investimento da fazenda Agropinho S.A, com investimentos do Governo Federal, por meio da SUDENE – Superintendência Estadual de Desenvolvimento do Nordeste.

Nessa cartilha partilhamos momentos de lutas e resistência que o povo tabajara da aldeia Cajueiro é sem dúvida uma das maiores conquistas da nossa história, muitos desafios enfrentados até aqui, mas continuamos firmes e fortes, para poder fazer e contar sua história e as dificuldades, o modo de vida e as conquistas do nosso povo ao longo desses 15 anos de retomada.

O território da aldeia Cajueiro é uma área de 4.444 hectares, composta por matas ainda em processo de revitalização, reflorestamento e que hoje abriga a

nossa fauna, flora, nossas moradias, terreiros sagrados e a morada dos nossos antepassados e ancestrais.

Nesta Cartilha destacamos os desafios e conquistas vivenciadas durante mais de 15 anos de retomada: **a Escola Diferenciada, os Lugares Sagrados, a Medicina Tradicional, as Assembleias Estaduais, os Projetos, a Festa da Colheita, os conflitos, a Palha da Carnaúba, o Rio**, são esses os assuntos que destacaremos.

INÍCIO DA RETOMADA

Cumpramos inicialmente destacar que nosso povo é originário desse território, onde serviu de moradia de nossos antepassados, lugar sagrado para cultivar a caça, pesca e a extração de plantas nativas para a medicina tradicional, o trabalho da agricultura entre outros.

A maioria das nossas famílias foram expulsas do território da aldeia Cajueiro, outras fizeram a resistência e continuaram no território utilizando a mão de obra para a empresa que lá se instalou por mais de uma década.

Com o fim das atividades da empresa e sem o sucesso esperado, pois investiam a qualquer custo e sem os devidos cuidados nos fazendo concluir que se tratava de uma grande lavagem de capital e que a qualquer momento poderiam falir.

A maioria das nossas famílias que foram expulsas, ficaram acompanhando todo o desenvolvimento das atividades da empresa e as escondidas realizando a caça e pesca para subsidiar a alimentação e fazendo a colheita de ervas para a utilização na medicina tradicional.



A retomada da Aldeia Cajueiro se deu a partir da necessidade que tínhamos de retornar para a nossa terra. Foram muitos momentos de reuniões e articulações para poder de fato

materializar o nosso sonho de retornar ao nosso território sagrado. Com essa motivação no dia 10 de junho de 2.007, um grupo de liderança entrou no território com o objetivo de permanecer de forma definitiva, realizando uma das maiores retomadas indígenas do Nordeste, por todas as peculiaridades geográficas e pelo contexto de conflitos com os não indígenas. Não foi apenas uma retomada, foi consideração o processo da volta, enquanto muitas famílias migram da zona rural para as cidades, nós fizemos o contrario saímos da cidade para ocupar o nosso território localizado na zona rural, distante 42 quilômetros da cidade. Durante esse processo tivemos o apoio e participação de muitas lideranças do Estado do Ceará, que vieram para dar suporte nos primeiros meses de retomada, visto que, tivemos conflitos pois, existia alguns posseiros espalhado no território que não aceitava a nossa chegada e por esse motivo o movimento Indígena nos deu suporte e contribuiu muito para o fortalecimento e resistência.

Nossas famílias passaram meses acampadas na mata, sem acesso as unidades residências que ainda se encontravam com diversos materiais deixados pelas empresas como agrotóxicos e ração vencidas para alimentar o gado e outros equipamentos agrícolas.

Durante esse período, nossas famílias se alimentavam de caça, cestas básicas arrecadas e envidas por outros povos em apoio a referida retomada. Somente após vários meses de retomada começamos a limpar as casas, retirando os dejetos deixados pela empresa e ocupar com as primeiras famílias. Sem energia elétrica e tínhamos apenas o acesso aos olhos d'água para retirar água para consumo.

1 – CRIAÇÃO DA ESCOLA, EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Com a fixação das moradias das nossas famílias na aldeia Cajueiro, logo pensamos no processo de ensino aprendizagem dos parentes de modo que fossem escolarizados com base nos nossos princípios, costumes, crenças, tradições culturais e valores por meio da educação escolar indígena diferenciada.

Com esse pensamento abrimos as primeiras salas de aula, funcionando como anexo da Escola Indígena Jardim das Oliveiras, que está localizada na Aldeia Umburana em Poranga – Ceará. Com a vinda das famílias, tendo muitas crianças e

jovens e por não poderem ficar de fora da escola, tivemos que nos organizar mesmo com dificuldade, nos primeiros anos de retomada na Aldeia Cajueiro. Durante o inverno as aulas eram ministradas em casas de família, galpão ou ocas construído pelas famílias indígenas e no período do verão aconteciam debaixo das Mangueiras, lugar sagrado do nosso Povo, era lá que a educação escolar se fortalecia e nossas crianças, jovens e adultos vivenciavam de fato a luta.



No ano de 2016, as famílias da Aldeia Cajueiro se reuniram e com o apoio de muitas lideranças da Aldeia Umburana construímos uma escola com duas salas de aula, cozinha, banheiros masculino e feminino e de acordo com o aumento das famílias na aldeia Cajueiro, conseqüentemente aumentava a demanda de alunos

na escola justificando a abertura de novas turmas e a construção de novas salas, construídas voluntariamente e com todas as despesas pela própria comunidade.

Somente no ano 2021, tivemos uma pequena reforma, com aporte da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, e até o momento reivindicamos o INEP e a construção da escola.

2 – LUGARES SAGRADOS

As mangueiras, um dos lugares mais sagrado, um local de refúgio, partilha e fortalecimento de nossa espiritualidade. É nos lugares sagrado que recarregamos nossas forças para continuar na luta e resistir a todas as dificuldades que surge ao longo de nossa caminhada.



O contato e a vivência diária com a Mãe Natureza transmiti muita energia para todos que de alguma forma aceita a proteção dessa energia que é forte na Mãe Natureza.

E foi com a retomada que esses lugares nós mostraram o tamanho da força que eles têm para nos transmitir e nosso dever protegê-los assim como eles nós protege.

3 – MEDICINA TRADICIONAL

A medicina tradicional, para o nosso povo é sagrado, nos quintais das famílias indígenas tem plantas medicinais que nos curam, e usamos através de chás garrafadas e lambedor. Das plantas medicinais usamos: a casca, as folhas, as raízes e o leite, conforme o problema de saúde que estamos sofrendo. Ainda temos nossos rezadores e benzedores que através das rezas consegue a cura para muitas doenças. Todos os saberes tradicionais do nosso Povo é fortalecido, através de nossas praticas culturais e a medicina tradicional que até hoje nos curam e que temos fé.



4 – AS ASSEMBLEIAS ESTADUAIS COMO INSTRUMENTO DE LUTA E FORTALECIMENTO DA RETOMADA DA ALDEIA CAJUEIRO.

Os primeiros anos de retomada foram difíceis, pela questão de vulnerabilidade social, econômica e falta de segurança. Somos guerreiros e guerreiras e decidimos para nós mesmo que não sairíamos mais da aldeia, que viemos para ficar e lutar pela Demarcação da nossa terra e assim protegê-la, combatendo os grandes incêndios, preservando a nossa fauna e flora, lutando por aqueles indefesos e pelos lugares de moradia nos nossos encantados.

Um dos momentos mais importantes para nós ocorreu no período de 15 a 20 de Dezembro de 2008, onde aconteceu na Aldeia Cajueiro a XVI Assembleia Estadual dos Povos Indígenas no Ceará, organizado pelas nossas organizações: APOINME, COPICE, AMICE e OPRINCE e teve como objetivo preparar, articular e deliberar suas decisões, aprovar e executar suas ações de acordo com o relatório final no âmbito municipal, estadual e nacional.

Durante a realização da referida Assembleia, foi realizado também a eleição para a escolha dos coordenadores de microrregião da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME, ocasião em que fomos assistindo com um projeto de apoio a retomada, com um valor de R\$ - 30.000.00 (trinta mil reais) onde utilizamos para aquisição de animais de pequenos porte para as famílias da aldeia Cajueiro e o fortalecimento das mandalas, onde criamos peixe, patos, galinha e cultivamos verduras para subsidiar na nossa alimentação.

A Assembleia Estadual é considerada como um marco importante para nós, porque aconteceu na aldeia Cajueiro com o principal objetivo, fortalecer a luta pela demarcação do nosso território e apoiar as nossas famílias. Foi uma forma de mostrar para todos que lutavam contra a nossa ocupação, que não estamos só e que somos um movimento alinhado na luta pela efetivação de direitos, sobretudo o de demarcação das terras indígenas.

5 – PROJETOS

O primeiro projeto de incentivo desenvolvido das famílias na aldeia Cajueiro foi de criação de caprino, executado pela Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOIME.

Naquele momento, estávamos em situação de vulnerabilidades, passávamos diversas dificuldades financeiras e a nossa maior preocupação era nos manter ocupando a terra e para



isso precisamos superar as dificuldades e encontrar condições mínimas para que pudéssemos nos alimentar e nos manter na aldeia. O projeto foi importantíssimo para fortalecer a permanência das nossas famílias na aldeia, cuidando dos animais para subsidiar na nossa alimentação e começar e pensar na autossustentação na própria aldeia.



Com e a assistência técnica por parte Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará – EMATECE, conseguimos fortalecer a nossa produção nas mandalas com trabalhos coletivos na aldeia.

6 – A FARINHADA

Para o povo Tabajara a farinha é uma das praticas culturais mais importante, porque as famílias se envolvem em mutirões para ajudar uns aos outros. Todo o processo é bastante trabalhoso, exigindo o trabalho coletivo para o sucesso de todas as famílias. Da mandioca produzimos a farinha, a goma, a puba, o groló, a tapioca, o beiju entre outros produtos derivados da mandioca, que alimenta e faz parte da culinária diário do nosso povo. Na farinha, são dias e noites, as histórias são contadas de pais para falhos, os ensinamentos, como mostra as fotos abaixo.



7 – FESTA DA COLHEITA

A festa da colheita é uma festa tradicional do nosso Povo e se deu devido a retomada, diante de tanto sofrimento que tivemos durante longos anos, mesmo nas

maiores dificuldades soubemos agradecer o nosso Pai Tupã pela resistência de nosso povo, por nos manter sempre fiel a luta e convictos nas histórias de nossos ancestrais. Na festa da colheita, há muita fartura, é um momento que nos divertimos e nos fortalecemos espiritualmente. Acreditamos na encantaria e nos espíritos de luz e é nesse momento que nos alegramos, com muita festa.



Na primeira festa da colheita, que se realizou em 2009, foi um momento de espiritualidade e muita alegria e também um momento de renovar nossas vestes e foi nesse momento que todos nós renovamos nossas vestes desde as crianças, jovens, mulheres homens e mais velhos de nossa Aldeia, foi

também um momento de consagrarmos o nosso Cacique Jorge Tabajara para que pudesse conduzir as lutas do nosso povo, pois o mesmo já tinha sido abençoado na Assembleia de 2008 pelos pajés e caciques presentes naquele momento.



E foi num momento de muita espiritualidade emoção que o nosso Cacique Jorge Tabajara foi abençoado. Todas as famílias, no momento da consagração entregou ao mesmo uma parte das vestes simbolizando a sabedoria humildade, união e a coletividade. Que nosso Cacique possa carregar esses quartos

sentimentos para poder equilibrar cada ação realizada por ele. E é assim até hoje, pois o mesmo contribui na luta interna do nosso povo bem como do movimento Indígena do Estado do Ceará.

8 – CONFLITOS COM POSSEIROS

No decorrer de muitos meses e anos, houve diversos conflitos entre nós e os posseiros e em todos eles fomos resistentes, porque sabíamos o que queríamos que era viver e sobreviver no nosso território, onde tem todo um processo histórico de luta e resistência de nossos ancestrais e para que a nossa luta não fosse em vão tínhamos a certeza de que a luta não seria fácil e se preciso fosse lutar com a nossa própria vida lutaríamos na certeza de que as gerações futuras consigam viver em liberdade e fortalecendo sempre a nossa história e a cultura de nossos ancestrais que vem sendo repassado de geração a geração.



No início da retomada, além dos conflitos com os posseiros sofríamos por não termos chuvas em abundância e muitas de nossas famílias tiveram que ser mais resistentes por conta que tivemos diversos problemas de saúde. A água que bebíamos era dos olhos d'água que também resistia a poucas chuvas e era o

que nos dava suporte para o consumo humano. Em 2008, fomos agraciados com a Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará, onde puderam presenciar as inúmeras dificuldades que enfrentamos e como encaminhamento, através da Articulação dos Povos Indígenas Nordeste Minas Gerais e Espírito Santo - APOINME nos beneficiou com um projeto de cabras e horta coletiva e também conseguimos junto a Fundação Nacional do Índio – FUNAI uma bomba para recuperar um poço profundo que estava desativado porque não tinha esse suporte e assim as coisas iam melhorando e íamos nos apropriando cada vez mais do nosso território.

A luta era diariamente e sempre vigilantes para a permanência na Aldeia, fortalecendo a nossa espiritualidade, nos reunindo e buscando meios de solucionar os problemas que surgiam. As reuniões eram realizadas em um galpão ou em casas de família o mais reservado possível e longe dos olhos dos posseiros, para que pudéssemos organizar as estratégias de luta e resistência.

09 – CARNAÚBA – ARVORE DA VIDA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E RESISTÊNCIA NA ALDEIA CAJUEIRO.

A aldeia Cajueiro tem grandes potenciais naturais, sendo a carnaúba árvore nativa do território, árvore de vida-longa e de grandes utilidades para nossas famílias. Da carnaúba, nossos artesãos produzem objetos importantes para auxiliar na subsistência como: vassouras, abanos, surrão, uru, esteiras, tranças, chapéus, tangas, saias, cocas entre outros.

No início tivemos grandes problemas, visto que os posseiros nos impediam de acessar parte do território e usufruir da palha da carnaúba, pois tinham o costume de todos os anos arrendar para terceiros e dividir eles os valores do arrendamento.

Foram várias batalhas enfrentadas, para impedir tais práticas usadas pelos posseiros, no Ministério Público Estadual após inúmeras audiências os posseiros foram impedidos de arrendar o carnaubal, por outro lado, nós também ficamos impedidos de trabalhar com a carnaúba.

Aos nos apropriar da legislação indigenista, tomamos conhecimento que o Ministério Público Estadual não possui competência para tratar sobre litígios envolvendo indígenas e posseiros nos territórios indígenas.

Fundamentado pela legislação imediatamente provocamos o Ministério Público Federal para avocar a competência e resolver o litígio, tendo em vista que o nosso povo estava impedido de usufruir das riquezas existentes na aldeia, por conta da medida tomada pelo MP.

Prontamente fomos atendidos e os procuradores da época, realizaram uma audiência pública no Município de Poranga, com diversos representantes da sociedade civil bem com todos os posseiros residentes na terra indígena da aldeia Cajueiro. Em ato contínuo foi promovida uma audiência na sede da Procuradoria Federal em Crateús com posseiros e nós indígenas.

Como encaminhamento da audiência foi proposto um Termo de Ajustamento de Conduta, assinado por todos os presentes e garantido que nós povos indígenas tivéssemos total acesso à palha da carnaúba e todas as riquezas existentes no território, devendo respeitar apenas os quintais das casas dos posseiros.

Foi uma das maiores conquistas do nosso povo, um marco inicial para muitas outras conquistas, entre elas o levantamento da cerca de toda extensão da nossa

terra, a construção de outras casas para residência de novas famílias e o fortalecimento do nosso povo para a retirada de posseiros.

Por conta desses conflitos ingressamos com uma Ação Civil Pública requerendo a condenação da União que fosse compelida a demarcar o nosso território. O juiz da 22 Vara Federal julgou procedente o pedido e condenou a União a iniciar o procedimento de demarcação da nossa terra.

10 – O RIO

Para nós o rio além de sagrado é sinônimo de sustento é do rio que pescamos os peixes que matam nossa fome. As pescarias são momentos de ensinamentos e trocas de experiências entre os mais sábios e os jovens da aldeia. Temos a pesca de rede, pesca de arpão, a tinguijada e facheada. Na aldeia respeitamos o período da piracema para que nossos peixes se reproduzam livremente.



O rio também é o ponto de lazer para as famílias. O banho, sem dúvida alimenta nossa alma, carregando as energias negativas e nos fortalecendo.

CONCLUSÃO



Atualmente, a nossa terra tem 15 anos de retomada, tivemos acolhendo mais uma Assembleia dos Povos Indígenas no Ceará, colocamos para fora, 7 posseiros restando apenas dois, esperamos a formação do GT para dar andamento ao processo de demarcação que por uma ação

judicial a FUNAI teve um prazo de 120 dias para constituir o GT e até o momento nenhuma resolutividade, sendo que o prazo há que tempos já passou, temos o controle de todo o nosso território, trabalhamos além da agricultura na retirada da palha da Carnaúba que nos dá um grande suporte para obter muitas outras ações dentro de nossa Aldeia.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradecemos a todos os professores e professoras que ao longo desses anos, nos motivaram a seguir sempre firmes, que nos ensinaram com amor, entusiasmo e muito zelo. Que transformaram em pessoas diferentes, com saberes multiplicados.

Agradecemos também ao Professor **Antonio Duarte**, por ter contribuído com nossa formação. Um agradecimento especial ao Professor e nosso Coordenador **Kleber Saraiva**, pela dedicação a nossa luta, pela paciência e por não desistir de todos nós e do nosso curso kuaba. A nossa marca registrada é que ao longo dessa caminhada tem uma história que jamais esqueceremos, ainda agradecemos aos parentes e a todos aqueles e aquelas que indiretamente ou diretamente contribuíram para que chegássemos a esse momento final.

Enfim, agradecemos ao nosso Pai Tupã, aos encantados de luz e das matas por ter nos guiado todos os dias e todas as noites.

AUTORES

Maria Eliane da Silva Gomes, professora do povo Tabajara da Aldeia Cajueiro e militante do movimento indígena no âmbito nacional.

Jorge da Silva Gomes, Cacique e grande militante do movimento indígena nacional, Advogado e professor indígena.

Antonio Sérgio Marques da Silva, Liderança e Artesão do povo tabajara de Poranga e professor indígena.

Esta cartilha é fruto de um trabalho de conclusão de curso, preparada e produzida pelos alunos, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, dedicamos a mesma, aos nossos troncos velhos, que são eles os sábios da aldeia, que muito contribui com nossa formação humana.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S1c SILVA; GOMES; GOMES, ANTONIO SÉRGIO MARQUES DA ; JORGE DA SILVA; MARIA ELIANE DA SILVA.

CARTILHA: RETOMADA DA ALDEIA CAJUEIRO / ANTONIO SÉRGIO MARQUES DA ; JORGE DA SILVA; MARIA ELIANE DA SILVA SILVA; GOMES; GOMES. – 2023.

14 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. KLEBER SARAIVA.

1. retomada. I. Título.

CDD 305.898098131
